

## ART. 1.601<sup>♥</sup>

João Baptista Villela\*

### *Prólogo*

Esta é uma peça para teatro, sob forma de monólogo, em ato único. Pode ser representada, porém, com a participação de várias personagens e segmentada em mais de um ato ou em cenas. Quem a for recitar ou representar, deve estar empenhado em descobrir o perfil, o caráter, as virtudes e as fraquezas de cada personagem no contexto da respectiva atuação. Mas não é uma peça feita de heróis e vilões. Nem de bruxas e princesas. Ou de príncipes e tiranos. Também não abriga intenções de criticar. Nem preocupações apostólicas ou missionárias. Quer apenas mostrar um cenário possível, caso seja sancionado o artigo 1.601<sup>\*</sup> do texto aprovado pelo Congresso Nacional para ser o *novo* Código Civil Brasileiro. Está ambientada no ano de 2003. E o palco das ações e das omissões, no essencial, é qualquer cidade do País. As personagens da peça são fictícias, sem deixar de ser reais. Não são melhores nem piores que o seu autor, quem a estiver lendo, declamando ou interpretando, vendo ou ouvindo. São apenas gente, como todos nós.

Lisboa, 22 de outubro de 2001.

---

<sup>♥</sup> Esta peça de teatro, escrita pelo Professor João Baptista Villela, foi apresentada sob a forma de monólogo, pela Professora Giselda Maria Fernandes Novaes Hironaka, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, durante o III Congresso Brasileiro de Direito de Família, realizado em Ouro Preto (MG), entre os dias 24 e 27 de outubro de 2001, pelo IBDFAM e OAB/MG.

\* Professor Titular de Direito Civil na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>\*</sup> O artigo 1601 do novo Código Civil Brasileiro, sua redação de 15.08.2001, quando foi aprovado pela Câmara dos Deputados, diz o seguinte: "**Art. 1601 - Cabe ao marido o direito de contestar a paternidade dos filhos nascidos de sua mulher, sendo tal ação imprescritível. Parágrafo único - Contestada a filiação, os herdeiros do impugnante têm direito de prosseguir na ação**".

## ART. 1.601

Ninguém diria, a princípio, que Mafalda e Diogo foram feitos um para o outro. Todo o contrário é o que se podia entrever, antes que começassem a namorar. Por isso, quando passaram a ser vistos de mãos dadas nos corredores da Faculdade, almoçando juntos na cantina ou trocando beijos furtivos ao se encontrarem ou ao se despedirem, a estranheza era geral. “Isso não vai longe”, diziam uns. “É fogo de palha”, acrescentavam outros.

De fato. Mafalda era sonhadora, romântica, perdia-se por vezes em infinitos devaneios. Diogo, ao contrário, tinha o espírito pragmático. Pés no chão e cabeça muito bem assentada. Era objetivo e determinado. daquelas pessoas de quem se costuma dizer “este sabe o que quer!”.

A sabedoria da experiência, por um lado, parecia avalizar a percepção dos mais céticos. “Lé com lé, cré com cré”, dizia a mãe de Diogo, ciosa, como toda a mãe, de que o filho caminhasse para uma união sólida e duradoura.

Mas o que é, afinal, a *sabedoria da experiência*? Quantas vezes ela não diz e se desdiz a si própria! Pois não é certo que também se apregoa “duro com duro não faz bom muro”? Afinal, os contrários se repelem mesmo, ou antes se atraem? Quantos já não terão dito que no amor cada um busca o que não tem? Ou aquilo que falta para completar-se. E não havia aquela expressão, quem sabe hoje meio cafona, que no casal denotava um ser a metade do outro? “Minha cara metade” não significa ou já significou o mesmo que “minha mulher” ou “meu marido”?

Como quer que seja, Mafalda e Diogo aprofundaram a convivência, se conheceram e se amaram. Foi natural que as coisas terminassem em casamento.

Dizer que no começo tudo foi sonho e delírio soa a lugar-comum. Mas o lugar comum não é o lugar do falso. É o lugar da reiteração. E reiterar a descrição do amor de Mafalda e Diogo equivale aqui a insistir na paixão com que se entregaram um ao outro, nas suas esperanças e nas suas vidas.

Ocorre que todo o começo tem também seu fim. Senão deixaria de ser começo. Não foi preciso muito tempo para que o casamento de Diogo e Mafalda revelasse sinais de fadiga. As juras foram se fazendo cada vez mais escassas. Depois se deixaram substituir por diálogos ásperos e comentários ferinos. Logo mais, instalou-se o silêncio. E a união de Mafalda e Diogo, por fim, declarou-se, por todas as evidências, em estado de crise.

Foi a esse tempo que Mafalda reencontrou-se, por puro acaso, com Miguel, um antigo colega de Faculdade, que sempre lhe tinha parecido um tipo arrogante e pretensioso. Chovia muito e Mafalda se tinha recolhido a um canto no *hall* de supermercado. Ali entrara à procura de uns chocolates. Gostava deles quando tinha os seus 15 ou 16 anos. Mas depois, os evitava, para manter a linha. Nos últimos meses já não ligava muito ao corpo e entendeu que devia ceder um pouco aos prazeres da comida. Ademais lera recentemente em uma revista feminina que o chocolate tem reconhecidos efeitos antidepressivos. E era disso mesmo que ela andava precisando.

Miguel, que tinha saído há alguns meses de um divórcio traumático, estava no supermercado por motivos bem mais prosaicos. Ia fazer o suprimento de víveres para a semana. Morava só, em um apartamento das imediações e habituara-se à vida de administrador de casa. Para ser mais preciso, não morava propriamente só, pois que com ele ficava também Sara, a filha de ano e meio que tivera com sua mulher.

Reconheceram-se de imediato, apesar das alterações que ambos exibiam. Em Mafalda já não se viam aqueles olhos inquietos que mais pareciam sorrir do que ver. E Miguel, de rosto continuava o mesmo, embora o cabelo, deixado crescer, lhe desse um ar algo menos austero. Quanto ao vestuário e ao porte, nada fazia lembrar o mauricinho que fora na Faculdade. Trajava *jeans* um tanto surrado, tênis e uma *t-shirt* mais para o *alternativo* do que para as *griffes* de antes.

Miguel teve a iniciativa de aproximar-se. A conversa, um pouco reticente ao início, foi-se descontraindo e ganhando a confiança dos interlocutores. Foi natural assim, que acabassem por chegar à porta dos assuntos mais pessoais.

— Então, acabaste por te casares com o Diogo? Quem diria...

— Pois é isso. Soube que tu também te casaste. Estás bem?

— Sim, é verdade. Casei-me e descasei-me. Mas estou feliz. Ou, se não feliz, apaziguado. Sara, a filha que tive com Maria da Glória, ficou comigo. Era muito agarrada a mim e a própria mãe não se opôs a que eu tivesse a guarda. A Glória hoje é uma executiva muito bem sucedida. Viaja muito. Enquanto eu, que já gostava de traduções no tempo de Faculdade, me entreguei a elas de corpo inteiro. Na verdade, nunca fui muito chegado

a arquitetura. Mas meu pai achava que eu era um esteta inato. Imagine. Acabou forçando um pouco a barra e fui parar na arquitetura. Mas gosto mesmo é de letras. Especialmente traduções. É um serviço que faço em casa. Assim, Sara e eu nos fazemos companhia. Não posso me queixar. A Sara me dá muito alegria. No fundo, parece que é a única mulher com quem me dei bem...

– Mas na Faculdade tu eras muito cortejado. As meninas te olhavam de tal jeito...

– Pode ser. Mas era coisa à distância. No *tête-à-tête* a aproximação empacava. Não rolava nada. Sabes, no fundo, acho que sempre fui muito tímido. O papo secava logo. Até que apareceu a Maria da Glória, que tu não conhecestes. Foi também mais ou menos do nosso tempo de Faculdade. Só que, enquanto estávamos na Arquitetura, ela freqüentava Economia. Tivemos uma paixão fulminante e desta vez, eu pensava que tudo tomaria outro rumo. De fato, tomou. Para pior. Mas, não quero mais falar disso... Nem devo te importunar com essas coisas, que, afinal, são do meu foro íntimo e não fazem qualquer sentido para ti.

A chuva havia passado e Miguel se deu conta de que tinha de voltar logo, já que deixara Sara com a vizinha e não lhe queria prolongar o incômodo. Saíram juntos e, ao se despedirem, Miguel apontou com o dedo:

– Tás vendo aquele edifício rosa ali na esquina? Pois é lá que vivo. Não é propriamente uma cobertura, mas como fico no 18º andar, acabo por ter uma boa vista e um ar relativamente saudável. É bom para a Sara, que, assim, fica um pouco menos exposta à poluição.

Mafalda voltou para casa. E, lá chegando, entregou-se ao que lhe parecia ser a grande tarefa do dia: devorar a meia parte de sua ração de chocolates. Mas não o fez com a voracidade que seu apetite antes estava a pedir. Entregou-se a um ritual quase litúrgico, que retardava o prazer, mas lhe dava um toque de sensualidade. Desembrulhava cada um dos bombons com a delicadeza e a volúpia de quem tivesse nas mãos um tesouro único, frágil e volátil ao menor descuido. Depois, não o comia logo. Levava-o aos lábios, tocava-lhe com a ponta da língua. Em seguida, aplicava-lhe suavemente os dentes e deixava que cada porção executasse uma espécie de bailado sóbrio e *con brio* no salão quente de sua boca. Só depois o mastigava e deglutia.

Mafalda sentiu-se melhor ao longo do dia. “De fato, dizia consigo mesma, o chocolate tem um inegável efeito antidepressivo”. O encontro com Miguel veio-lhe muitas vezes ao pensamento. Achou-o tão humano, tão seguro. Por que teria se separado? Como era essa tal de Maria da Glória? E agora: teria alguma namorada?

Teve vontade de telefonar-lhe para continuar a conversa. Haviam recordado tanto os tempos em que freqüentavam o mesmo curso e tinham os mesmos colegas e professores. Chegaram a rir de velhas histórias passadas naqueles corredores da Faculdade: eram tão familiares e, de repente, pareciam tão distantes e quase dissolvidos no impressionismo das recordações. Agora retomavam forma, cor e cheiro.

“Telefonar?” Sim, não era má idéia. Mas não lhe tinha o número. Lembrou-se do prédio onde Miguel disse morar. E também que seu apartamento ficava no 18º. Daí ao número não era, contudo, um

simples passo. O prédio, lembrou-se, era de esquina. Em qual das ruas ficaria a entrada?

Com estes pensamentos na cabeça e uma leve e gostosa sensação de euforia que não experimentava havia tempos, Mafalda recolheu-se à cama. Deu um beijo discreto, mas sincero, em Diogo e adormeceu.

Na manhã seguinte, já não havia chuva. Bem ao contrário. O céu estava limpo e o sol secava suavemente as ruas, como se lhes pensasse as feridas que houvesse ele mesmo provocado. Mafalda foi à rua, passou pelo escritório onde recebia as encomendas de projeto para executar em casa. Conversou com o Diretor. E voltou para casa. Só que, desta vez, não pelo caminho habitual, senão com um leve desvio que lhe permitisse certificar-se em que rua ficava o edifício de Miguel. Era, como tinha pensado, a Rua Corrêa Sampaio. E o edifício ostentava, em placa de latão polido, um sóbrio 48

Não foi difícil chegar ao telefone de Miguel. Lá estava, na lista telefônica, em letras miúdas, mas afirmativas: Sob o apto. 1814 da Rua Corrêa Sampaio, 48, **Langdoc**, Miguel da Gama.

Antes de ligar, estando só no seu pequeno ateliê, Mafalda teve um momento de hesitação. Acabou por vencê-lo. Miguel disse-lhe que também tivera a idéia de telefonar, mas que, do mesmo modo, não tinha o número. Além disso, pensava que Diogo poderia estranhar, caso estivesse em casa e fosse ele a atender. Não que visse mal na conversa, mas não queria ser ou parecer indiscreto, permitindo-se um gesto que não era habitual entre eles.

A conversa foi longa e, de novo, provocou em Mafalda uma euforia suave e apaziguadora. Outros telefonemas se sucederam. Falavam sobre tudo: cinema, teatro, trabalho, política, inflação, comissões de inquérito. De vez em quando, alguns mergulhos no interior dos sentimentos, da visão de mundo, nas expectativas, esperanças, dúvidas e sonhos.

Dos telefonemas chegaram aos encontros. A princípio, no *play ground* do edifício em que morava Miguel. Sempre que podia, levava até lá sua pequena Sara para brincar, de modo que ver Mafalda e Miguel juntos não suscitava, aparentemente, suspeitas ou fofocas. Até que um dia, Miguel a convidou a ir até o apartamento para lá tomarem um café. Ao café seguiu-se uma troca quase superposta de confidências. Simplesmente se tinham reconhecidos apaixonados. Depois outros encontros. E mais outros. Diogo mergulhara-se cada vez mais no trabalho e não suspeitava do que quer que fosse. Fazia-lhe bem, contudo, sentir que a mulher estava mais solta e até mais amigável no pouco que compartilhavam do dia-a-dia.

Mafalda, contudo, era suficientemente íntegra e lúcida para saber que aquela situação ambígua, no limite, acabaria mal para todos. Resolveu pedir um encontro com Dom Vasco, do Mosteiro de São Bento. Mafalda ficara conhecendo Dom Vasco durante um tríduo preparatório da Páscoa e lhe tinha imensa simpatia. Já havia recorrido aos seus conselhos em outras situações difíceis. E sempre saía de alma leve desses encontros.

A conversa com Dom Vasco foi longa, franca e, porque sem concessões, às vezes penosa para ambos.



Dom Vasco cultivava um respeito extremo pela individualidade da consciência e pela sua absoluta autonomia. Pensava e dizia que ninguém pode decidir pelos outros, nem induzir a um comportamento qualquer, pois este há de ser sempre a expressão da liberdade de cada um. Um ato objetivamente mau e livre, dizia, valia mais que um ato induzido, ainda que objetivamente bom. Entre outras coisas, observou a Mafalda, algo que lhe causou estranheza, por mais que já conhecesse e admirasse a posição libertária e autonomista de Dom Vasco. “Cada um tem o direito de procurar a felicidade onde pensa que ela esteja”. Portanto, compreendia e não censurava o comportamento de Mafalda. Mas suscitou-lhe o olhar para outros valores. E fê-la compreender que a resposta eufórica do amor não passa de uma concessão à nossa debilidade. É um dar que nada nos pede ou nos cobra. Portanto, é algo que se situa na periferia de nossa humanidade e, por si só, não nos faz crescer. O verdadeiro amor só se acha enquanto cada um se perde em favor do outro. “Veja isso, no próprio sexo. O orgasmo, ao contrário do que se pode pensar, não gratifica sobretudo o corpo de quem o sente, mas o coração de quem o proporciona”. Santa Catarina de Siena dizia ‘não encontrarás repouso verdadeiro a não ser no sangue’. Eu penso que isso se aplica plenamente ao repouso que os parceiros buscam no amor. Sem sangue — isto é, renúncia, sacrifício, dom de si mesmo — marido e mulher nunca encontrarão repouso. Poderão encontrar o mesmo conforto efêmero da droga, da comida, do luxo, ou, em outro nível, do elogio, do sucesso e do reconhecimento. Mas isso, não é repouso. É esquecimento momentâneo”.

Mafalda saiu meio aturdida do encontro com Dom Vasco. Não se sentia uma mulher infiel, só por ter praticado sexo com outro homem que não o marido. Não tinha a lembrança precisa das circunstâncias, nem sob que forças esteve entregue, quando tudo aconteceu. Mas se sentia imensamente infeliz por ter sonogado a Diogo o dom de si mesma, o empenho em fazê-lo feliz. Em perceber que nunca esquecera de si própria para lembrar-se do marido. Enfim, nunca se *perdera* para *encontrar* Diogo. Reconheceu que, nisso, fora egoísta e leviana. Havia em Diogo, percebeu Mafalda, um potencial exuberante de bondade, de dedicação, que ela antes contribuía para sufocar do que para eclodir-se e encontrar a expansão a que estava preordenado.

A viagem para dentro de si mesma foi impactante e devastadora. Mafalda sentia que se transubstanciava em outra pessoa. Não, não era bem assim. Ao contrário: parecia que voltava a ser ela mesma. Percebera-se integrada e harmônica. Não mais dividida entre sentimentos e projetos contraditórios. Ganhava, de pouco em pouco, a posse de si mesma.

O encontro com Dom Vasco fora pela manhã. À noite. Mafalda se achava plenamente reconciliada consigo própria. A hipótese de separar-se de Diogo não ficava excluída. Mas já não lhe tocava o coração como alívio. Ou como dor insuportável. Fosse o que fosse, propunha-se a ser nobre e digna. Tinha-lhe subitamente voltado à memória aqueles versos de Fernando Pessoa, tão de seu agrado:

“Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive”.

Depois do lanche, dirigiu-se ao ateliê de Diogo. Assentou-se. E ficou, por um momento, calada, enquanto Diogo lhe dirigia um olhar de espanto e mal contida curiosidade.

– Diogo, queria discutir contigo a nossa relação.

– Mafalda, por favor, não recomeça. Tu sabes o quanto detesto esta coisa de *discutir a relação*. Será que vocês mulheres não são capazes de algo mais do que *discutir a relação*? Basta. Estou farto disso tudo. Não temos nada que discutir. Muito menos a tal de *relação*. Aliás, para além de ser boboca e pedante, essa expressão não cabe aqui. E sabes por que não cabe? Simplesmente porque não temos *relação* qualquer. Nem para ser discutida, nem para deixar de ser discutida.

– Peço-te desculpa. Sabia que tu detestas essa forma de dizer. Mas é sempre assim que se fala no círculo de minhas amigas. A expressão saiu-me sem controle. Peço-te mais uma vez desculpar-me. O que quero é falar sobre nossas vidas. Não podemos continuar como estamos. Não é bom para ti. Não é bom para mim, tampouco. Não serve a ninguém.

Diogo permaneceu calado. Depois, foi-se-lhe desfazendo o crispado do cenho.

A conversa tomou pé. Lenta e vacilante, ao princípio. Desenvolve em seguida. Áspera depois, para voltar a ser, de novo, pontuada de silêncios e hesitações. Nada escapara à sinceridade esquadrihadora do

casal: o envolvimento com Miguel, os sentimentos de culpa, de solidão, de abandono. As dores reciprocamente infligidas e suportadas.

Ao cabo de três horas estavam exaustos. Mas a atmosfera perdeu muito do tom gris sob que há muito se mantinha.

Foi Diogo quem propôs:

– Vamos à cozinha comer qualquer coisa antes de dormir.

No dia seguinte, voltaram a conversar.

O degelo se desfez. Mafalda e Diogo se reencontraram. Ou, quem sabe, se dirá melhor: tiveram um encontro que até então não tinham conhecido.

A crise estava superada e a vida adquiria para um e outro nova luz e novas cores.

Superada? Sim, mas não por muito tempo.

Ao café da manhã de uma trivial quarta-feira, Mafalda está abatida e mostra um rosto que reenviava seguramente para uma noite insone. Não beija Diogo, como de hábito. E lhe diz em tom pouco menos que maquinal:

– Estou grávida.

Mais não disse, nem era preciso. Ambos sabiam que o tratamento, a que Diogo vinha se submetendo, não fazia progressos. Ainda na véspera, o médico lhe havia dito que, em face dos resultados laboratoriais, iria ensaiar uma nova terapia. Aquela era, definitivamente, uma aspermia rebelde aos tratamentos convencionais.

Não havia espaço para dúvidas. Mafalda trazia no ventre um filho gerado por Miguel.

Diogo ouviu calado. E calados tomaram o café. Um café cujo amargo não vinha de seus grãos, mas de tudo o mais que povoava o imaginário daquele casal apanhado no contrapé de seu afeto.

A cabeça de um e de outro não era mais que um torvelinho de idéias recorrentes e mal cozidas. Por mais repugnante que em teoria lhes parecesse, a hipótese de um aborto imediato pairava indelével no horizonte. Ora se afastava como um cálice de veneno fétido, ora retornava com o aroma inebriante de uma poção mágica.

De repente, “não mais que de repente”, como no soneto de Vinícius, Diogo salta da cadeira e precipita-se sobre Mafalda. Abraça-a com tal veemência, que Mafalda, por um breve momento, chega a temer que Diogo a quisesse sufocar. Diogo se entrega a um choro convulsivo, no que é acompanhado por Mafalda. Depois diz:

—Serei o pai do teu filho.

E, se pronto disse, mais prontamente passou da palavra à ação. Em toda a gravidez é um companheiro atento e dedicado. Dispensa a Mafalda um desvelo, de que ele próprio não se supunha capaz. Vê nascer a criança. Devota-se a ela com extremos de afeto e auto-esquecimento. É um menino, a quem chamaram de *Marcelo*. Diogo dá-lhe carinho, faz-lhe companhia, educa-o e zela pelo seu bem-estar. Participa em tudo de sua vida. De Marcelo também recebe amor, respeito, camaradagem e companhia. Tornam-se, como é natural e previsível, “amigos para sempre”, no seio de uma família harmoniosa e

feliz. Entrementes, Diogo está curado e sobrevém-lhes um novo filho. É Helena, que agora divide com Marcelo a atenção dos pais. Divide? Ou, antes haveria de se dizer *multiplica*? O grupo está completo e a vida segue seu curso.

Os anos passam. Mafalda nem mais se lembra do pequeno desvio que cometera ao início do casamento, levada então, quem sabe, pela sua imaturidade, insegurança ou mesmo pela sede de aventura – e qual o jovem que não a tem? – enquanto Diogo, feliz com a mulher que desposou e os filhos que esta lhe deu, relega o episódio ao destino que merece: a dissolução misericordiosa e redentora no amor que dedica a Mafalda.

A história de Diogo e Mafalda não é, entretanto, um conto de fadas. Carrega as alegrias, mas também a dor do mundo.

Por volta dos sessenta anos de idade, Diogo está acometido de uma grave disfunção renal, só passível de resolver-se mediante transplante. Fazem-se os testes e cogita-se de doadores. Apura-se que Marcelo, que se oferecera de pronto, é o que apresenta melhores indicações de compatibilidade. Não hesita em deixar que se lhe extraiam um rim para ser transplantado no pai. E com isso, salva-lhe a vida. A união entre pai e filho torna-se ainda mais forte.

Um belo dia, ou não tão *belo* assim, inicia-se na mente de Diogo um complexo processo de revisão mental. Levado pelas mãos de um amigo, embalado pelo seu espírito cartesiano e movido pelo gosto que sempre tivera pelas ciências da natureza, esteve a freqüentar uma série de seminários, propostos como atividade de extensão na mesma

universidade onde se formara arquiteto. Os seminários traziam o sugestivo nome de *Fronteiras da Ciência e da Vida*.

As exposições e os debates haviam mostrado a Diogo o quanto estivera desinformado sobre os progressos da biociência. Idéias de que tinha uma vaga noção apareciam-lhe agora claras e definidas. Entendeu o percurso insuspeitado que as coisas tinham tomado nos últimos anos. Ficou sabendo melhor o que era o *projeto genoma* e como o *DNA* se transmitia, como se fora o fio condutor da vida, de geração para geração com suas seqüências precisas e caprichosas. Compreendia agora o que era *ser pai*. *Ser pai* não era mais um conceito que se pudesse conter nas dobras obscuras da tradição ou da sentimentalidade. Ganhara foros de categoria científica. Começa a não se reconhecer *pai* de Marcelo. Quer estar em compasso com o seu tempo que é o da pós-modernidade. Aí, na pós-modernidade, não há lugar para crenças nem superstições. Até se lembrou de haver visto exposta em uma banca de revista um número da *Newsweek* em que a matéria de capa era uma indagação inimaginável no seu tempo de estudante. Dizia mais ou menos assim: *O Progresso da Ciência tornará desnecessária a Religião?*

“Mas qual é a saída?”, indagou Diogo de si para si, “depois de tanto tempo que minha mulher me traiu?” “E que tolo fui eu – aceitar como filho quem traz a seqüência genética de outro homem, aquele Miguel...”. “Está bem, que já morreu e não quero tripudiar sobre seu cadáver, mas provavelmente não passava de um vulgar conquistador...”.

Torturado por este conflito, resolve Diogo procurar um advogado, a quem relata o seu drama.

– “Ora, não se preocupe” – vai logo dizendo o advogado – “hoje temos uma solução bem fácil para o seu problema”.

Ato contínuo, mostra-lhe o artigo 1.601 do *moderno* Código Civil Brasileiro.

Diogo não tem intimidade com a palavra *imprescritível*. Volta-se, ainda aflito, para o advogado:

– Mas Doutor, já faz tanto tempo... mais de trinta anos!.

– Por favor, entenda! O que a lei está dizendo é que o seu direito de excluir a paternidade é... digamos... – para tomar uma palavra do seu metiê – *granítico*. Isso mesmo: *granítico*! É um direito *pétreo*! Ou ainda, se quiser, um direito *perpétuo*! Dura tanto quanto a sua vida. Até mesmo mais que a sua vida. Se o Sr. vier a faltar depois de aberto o processo – o que só estou admitindo para efeito de raciocínio, já que o Sr., vê-se logo, está vendendo saúde – se vier a faltar – por mera hipótese, volto a insistir – a sua filha, que é, de fato, *sua* filha, e não filha de um vigarista qualquer, poderá continuar a ação até o fim e deixar sua memória de homem sério e honrado absolutamente limpa e imaculada!

Animado e reconfortado com a entrevista, Diogo decide-se pela contestação da paternidade. E pergunta:

– Então, Doutor, quando podemos começar com isso?

– “Amanhã mesmo. De momento bastam apenas algumas pequenas formalidades. Em primeiro lugar assine aqui”. E exhibe-lhe o instrumento de mandato, sem lhe dar a menor chance de ler o que deve assinar.



Diogo hesita, fica um tanto embaraçado. Mas, afinal, toma coragem e, com voz tímida e gestos algo trêmulos, comenta:

– Doutor, o Sr. não levará a mal, mas tenho um irmão que é professor de ética e ele... e ele... me andou falando de um tal *consentimento informado*... Diz que só devemos apor a nossa assinatura em documentos, depois de bem seguros de quais vão ser as implicações..., as conseqüências... qualquer coisa assim... Que só nos devemos submeter a uma cirurgia, por exemplo, se o médico nos explicar claramente quais são os riscos, as chances de êxito, se há efeitos colaterais... Essas coisas. Deu até um nome meio sofisticado para esse tal de consentimento. É...,é..., ah, sim, lembro-me agora. É *informed consent*. Isso mesmo, *informed consent*. Já ouviu falar disso, Doutor?

– Não o vou levar a mal, porque o Sr. manifestamente não sabe o que é uma relação profissional advocatícia. E algo que se funda na confiança. Na *confiança*, compreendeu bem? Ou o Sr. confia plenamente no que vou fazer, nas minhas opções, na minha estratégia, ou não há como representá-lo perante os tribunais. Se lhe disse que assinasse, ao Sr. não cabe formular indagações. Não tergiverse nem inverta as posições. Ou assina e mostra, com isso, que tem confiança nos meus serviços, ou, com muito pesar, serei obrigado a sugerir-lhe que procure outro colega!

Vencido pelo tom grave e autoritário do advogado, Diogo assina o que supõe ser a procuração. Em seguida faz um gesto de levantar-se para se despedir.

– “Um momento, um momento”, diz o advogado, já agora em tom brando e quase untuoso. “Há mais uma pequena formalidade. Não

mais que mera formalidade. É preciso que o Sr. deixe um cheque para as despesas iniciais. Algo assim como cinquenta ou oitenta mil reais. Quanto aos acertos finais, ou seja, meus honorários, exames laboratoriais, taxas judiciárias, táxi para a estagiária, despesas com despachantes e manobristas, gorjeta para isso e para aquilo, destas coisas falaremos depois. O importante agora é que o Sr. se sinta livre de seus tormentos e suas preocupações!”

Resumindo e concluindo:

Abre-se o processo. A família, antes estruturada e saudável, entra em vertiginoso estado de decomposição. Para os testes de DNA, os restos mortais do suposto pai são exumados. O inefável *segredo de justiça* dos processos de família volatiliza-se. O fugaz romance da mãe com o estranho vem a público. Vira assunto de todas as rodas. “Então, a Mafalda, hein... Ora, quem diria...”.

Já com a saúde debilitada, Diogo, o autor na ação, não resiste ao estresse a que se vê entregue. Dá-se conta do caminho errático que seguiu. Está cada vez mais deprimido. Não vê retorno. Desesperado, suicida-se.

Helena, já agora seduzida pela engorda de seu quinhão na herança do pai, está de olho no parágrafo único do art. 1.601. Sucede ao pai no feito. Afinal, sai-se vencedora. Lógico: que prova seria capaz de elidir a do DNA, científica, absoluta, imperativa, rigorosamente inquestionável?!

Súmula dos resultados:

Marcelo é excluído da herança. Helena torna-se herdeira única. O estado emocional de Marcelo está em frangalhos. Passa também a conviver com a idéia do suicídio. Já não fala com a irmã, sem, contudo, ter perdido o afeto que sempre lhe devotou e que tinha sido cunhado em longos anos de convivência. Comendo à mesma mesa. Dormindo sob o mesmo teto. Praticando as mesmas travessuras. Seus sentimentos são contraditórios. “Como pode”, pensa ele, “uma pessoa ser minha irmã *inteira*, por tantos anos e, de uma hora para outra, passar a ser apenas *meia-irmã*? Pode alguém adormecer vinte, trinta, quarenta anos como *filho* e, um dia qualquer, despertar como *estranho*?”

Helena, a irmã, agora convertida em *meia-irmã*, também está aturdida. Sente-se culpada, mesquinha, desprezível.

Quanto a Mafalda, já não gosto de sair à rua. Quando vai às compras, por imposição da necessidade, percebe que todos a olham com um misto de desdém e curiosidade malsã. Ou não passará tudo de imaginação sua? Está assustada, insegura e, coisa estranha, sente vergonha, mas não se reconhece culpada. Certo dia, ao cruzar com uma antiga colega de ginásio, faz um gesto tímido de abraçá-la. Mas a colega se esquivava e segue seu trajeto. Não sem antes deixar que lhe escape, entre os dentes, um cruel “Vagabunda!”